

RECONTEXTUALIZAÇÃO E RETÓRICA NA ARGUMENTAÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO OU UM POSSÍVEL DIÁLOGO COM O MARXISMO?

Marcelo Augusto Totti¹

Resumo

Este artigo busca discutir duas afirmações: a visão na literatura especializada de que Fernando de Azevedo incorporaria teses marxistas em seus escritos e as argumentações usadas para fundamentar tal hipótese. Observamos que Azevedo menciona Marx em dois livros do caráter teórico nos anos 1935 e 1940 e se declara socialista em um texto autobiográfico do começo dos anos 1970. Utilizando os instrumentos da recontextualização e da análise retórica, verificamos que Fernando de Azevedo recontextualiza Marx em textos teóricos apenas nos preceitos metodológicos adotados pelo filósofo alemão, modificando e adaptando sua visão. Por outro lado, quando a literatura se baseia na afirmação do pioneiro que seria um socialista, ampara-se em uma afirmação feita em um texto autobiográfico, que tem como finalidade um âmbito de argumentação distinto daquele dos escritos teóricos. Ao partir destas premissas para imprimir uma definição do autor de *A Cultura Brasileira*, a literatura baseia-se em princípios frágeis para identificar determinado autor a quaisquer tendências teóricas. Este trabalho pretende, a partir de instrumentos metodológicos como a recontextualização e a retórica, contribuir para uma análise mais criteriosa por parte dos intelectuais que compuseram o importante campo da história da educação.

Palavras chaves: Recontextualização. Retórica. Fernando de Azevedo.

The recontextualization and rhetoric in the argument of Fernando de Azevedo or a possible dialogue with the Marxism?

Abstract

This article aims to discuss two assertions: the vision in the specialized literature that Fernando de Azevedo would have incorporated Marxist theses in his writings and the claims used to found this hypothesis. We can observe that Azevedo mentions Marx in two books of theoretical character in years 1935 and 1940, and declares himself a socialist in an autobiographical text from the beginning of the 1970's. Using the tools of recontextualization and of the rhetorical analysis, we were able to verify that Fernando de Azevedo recontextualizes Marx in theoretical texts only according to methodological rules adopted by the German philosopher, modifying and adapting his vision. On the other hand, when the literature takes for granted the assertion of the pioneer who would be a socialist, it stands on an assertion done in an autobiographical text, which has as a purpose a distinct scope of argumentation than that of theoretical writings. Departing from these premises to set a definition of the author of *A Cultura Brasileira*, this literature sets out from feeble principles to identify a given author to certain theoretical trends. This work intend, from methodological tools such as recontextualization and rhetoric, to contribute to a more criterion-oriented analysis on the side of intellectuals who have formed the important field of the history of education.

Keywords: Recontextualization. Rhetoric. Fernando de Azevedo.

Recebido em: Abril de 2008.

Aceito em: Julho de 2008.

¹ Doutorando em Educação Escolar UNESP/Araquara. E-mail: Totti4@itelefonica.com.br

Introdução: a visão na literatura

Este artigo surgiu de uma curiosidade que havia detectado nos estudos feitos em torno das influências teóricas que balizaram o pensamento de Fernando de Azevedo. Vários autores apontam certa influência marxista nas idéias azevedianas, porém, até onde observamos essas premissas nunca foram comprovadas ou confrontadas para aferir sua validade. Esta indagação é que pretendemos discutir no decorrer deste artigo².

Dermeval Saviani no colóquio nacional³ em comemoração aos 70 anos do Manifesto dos Pioneiros, realizado em Belo Horizonte em 2002, contribui para esse debate ratificando a influência marxista no pensamento de Fernando de Azevedo.

Saviani traça um balanço da polêmica entre seu livro *Escola e Democracia* e o *Manifesto dos Pioneiros*. O autor faz uma retomada da leitura de vários autores da historiografia da educação pós anos 1990 fizeram de sua obra, Saviani salienta que esses autores tiveram uma interpretação equivocada da teoria da curvatura da vara lançada em seu livro *Escola e Democracia*.

Em seu texto, Saviani (2004) faz uma interrogação: “Paschoal Lemme no Manifesto: um estranho no ninho dos pioneiros?”. Saviani procura demonstrar como Paschoal Lemme redator do programa educacional do Partido Comunista⁴ em 1945 a pedido de Luiz Carlos Prestes e que afirmava ser um intelectual de esquerda poderia ter assinado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento de profunda inspiração liberal.

Saviani (2004, p. 197) destaca que “não via incompatibilidade entre ‘liberais’ e ‘marxistas’ na formulação de um projeto educacional, àquela época” como ainda, “foi ficando claro, desde as primeiras leituras do Manifesto, que não se tratava de um texto homogêneo, o mesmo ocorrendo com o grupo dos pioneiros” (SAVIANI, 2004, p. 198).

Para fundamentar sua afirmação, Saviani argumenta que o grupo dos pioneiros era formado por vários signatários de inspiração socialista como Roldão Lopes de Barros, Hermes Lima, Edgar Sússeking de Mendonça incluindo dentro desse grupo o redator do Manifesto dos Pioneiros e líder do movimento educacional renovador Fernando de Azevedo: “Não deixa de ser surpreendente, e também curioso, o enquadramento do socialismo na sociologia positivista operado pelo pioneiro” (SAVIANI, 2004, p. 199).

Em nossa dissertação de mestrado *Raízes do pensamento de Fernando de Azevedo* (2003), identificamos que as bases teóricas que sustentam o discurso azevediano são oriundas de uma recontextualização dos pensamentos de Dewey e Durkheim⁵, adaptando-os a realidade brasileira, em especial no tocante à manutenção do equilíbrio entre as necessidades individuais e as exigências sociais. Vale ressaltar, que as bases que fundamentam as conclusões de Saviani estão calcadas em textos de depoimento pessoal do próprio Azevedo, em que ele procura demonstrar o legado de sua obra e seus

² A relevância de Fernando de Azevedo no contexto da história da educação evidencia-se, entre outras realizações de sua autoria, pelo fato de ter sido redator do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, documento de marcante influência no ideário educacional renovador e pela inovação pedagógica na reforma educacional do Distrito Federal em 1927.

³ As discussões e conferências realizadas neste Colóquio foram publicadas no livro *Manifesto dos Pioneiros: um legado educacional em debate* (2004).

⁴ Sobre as relações de Paschoal Lemme com o Partido Comunista e a esquerda brasileira ver Memórias 4 (1993).

⁵ Sobre esse tema ver Totti (2004).

feitos administrativos, não são obras de cunho teórico-metodológico,⁶ como *Princípios de Sociologia* de 1935 e *Sociologia Educacional* de 1940.

Porém, vários autores de grande relevância na historiografia brasileira e no pensamento social compartilham da posição de Saviani, como Penna (1987, p. 77), que sustenta a posição de que Azevedo foi “profundamente influenciado por Anatoly Lunatscharsky (1873-1933), ministro de Educação de Lênin”; e ainda aponta como “curiosa” a “identidade de opinião do sociólogo-educador Fernando de Azevedo e do político Antonio Gramsci” (idem, PENNA, 1987, p. 15). De outra perspectiva, Carlos Guilherme Mota (1980, p. 77) define o pensamento de Fernando de Azevedo como um “anticapitalismo de elites”, proponente de um “socialismo (brando) para o Brasil”.

Acrescentam-se os fatos da vida política brasileira, nos quais Azevedo envolveu-se como cidadão e educador. Antonio Candido (1994, p. 181) relata que em 1945, quando houve a redemocratização do país e o Partido Comunista pôde concorrer às eleições, “Fernando de Azevedo, que era em geral admirado pelos comunistas e tinha com eles boas relações, foi por eles convidado para ser o seu candidato à presidência da República”.

A partir dessas opiniões cabe-nos uma pergunta: Fernando de Azevedo teria incorporado o pensamento socialista em suas teses ou utilizado as teses do marxismo em seus textos autobiográficos como argumento retórico, no sentido de demonstrar sua pluralidade ideológica e o caráter social progressista de seus feitos administrativos de preocupação com as causas sociais de sua época?

A possível identificação de Marx nas obras de Fernando de Azevedo

O próprio Azevedo, em dois livros (1971; 1973b), já havia se identificado como socialista e coloca Marx como um dos pensadores que maior influência exerceu na história contemporânea:

Não se poderá negar que Karl Marx, filósofo economista, representa, como diz J. Plenge, um ponto crítico na história do pensamento em geral – filósofo, economista e sociólogo, e que produzindo um tremendo movimento de idéias, exerceu a maior influência intelectual que registra a história dos tempos modernos, e cujo raio de ação, transcendendo o campo da ciência e das investigações, se estende até a política interior e exterior, em que a sua doutrina revolucionária é manejada como a arma certamente mais importante e eficaz na luta contra o capitalismo. (AZEVEDO, 1973a, p. 261).

Mesmo diante de tais elogios⁷, estabelecer uma aproximação entre o pensamento de Fernando de Azevedo e de Marx pode parecer algo distante, seria uma incongruência baseada no ecletismo teórico, pois, como já salientamos, as influências utilizadas por Azevedo em suas teses são de vertentes distintas do ideário marxista, significaria o mesmo que misturar óleo na água.

⁶ Em nossa dissertação de Mestrado TOTTI (2003) analisamos a obra *Sociologia Educacional* de 1940, que segundo Antonio Candido “(apud Dias, 1990, p. 42) seria “a sua principal contribuição teórica se encontra em *Sociologia Educacional* (1940) .

⁷ Em **Na Batalha do Humanismo** Fernando de Azevedo, (1967, p. 124) também elogia Marx por estabelecer uma visão entre humanismo e comunismo: “de fato, a bandeira do humanismo. É nas mãos de do próprio Karl Marx que descansava a empunhadura do estandarte”. Os elogios de Azevedo se estendem à Rússia por ter estabelecido no ensino politécnico uma visão humanista e de proporcionar uma cultura geral, o que na visão de Azevedo era uma influência de Marx (AZEVEDO, 1951, p. 210).

Por outro lado, a recontextualização entre Durkheim e Marx não pode ser vista como impossível nas teses azevedianas, porque segundo Azevedo (1971, p. 211) foi a leitura de Marx que o levaram: “[...] a uma tomada de ‘posição política’, em face de suas análises, da estrutura social e econômica e a E. Durkheim, estabelece a natureza e os fundamentos de uma nova ciência – a Sociologia”.

Segundo Luiz Antônio Cunha (1994, p. 147) esta aproximação entre Durkheim e Marx definida por Fernando de Azevedo é uma “auto-imagem surpreendente”, em sua avaliação não há na obra de Fernando de Azevedo: “elementos inspirados do filósofo alemão, mas são abundantes as inspirações do sociólogo francês, justamente naquilo em que converge com o núcleo do pensamento conservador”.

A recontextualização da obra de Durkheim é patente no ideário azevediano, mas em *Sociologia Educacional* podemos observar vários conceitos que podem ser inspirados no autor de *O Capital*, em especial relacionado ao método e a analogia estabelecida por Marx ao aplicar as leis da mecânica e transformá-la na expressão força social, um dos alicerces do pensamento de Marx:

A expressão ‘forças sociais’ denunciava mais do que uma simples analogia tomada à mecânica, a idéia de aplicar aos fenômenos sociais as proposições e as leis da mecânica que não tardaram a ceder o lugar à aplicação sociológica das leis e teorias biológicas. Mas, com a doutrina de Karl Marx, que estabeleceu a preponderância dos fatos econômicos, é nestes que se passou a procurar, à luz dessa doutrina, a interpretação dos fatos de estrutura e de evolução social. (AZEVEDO, 1951, p. 21).

Em seguida continua Azevedo (1951, p. 21):

Afirmando, de fato Karl Marx que o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social política, intelectual no seu conjunto não quis certamente dizer que o fator econômico é o único determinante, mas estabelece a ação e reação recíprocas entre a base (situação econômica) e a superestrutura (formas políticas, modos de concepção jurídica, religiosa, estética, etc.). E nessa base real, econômica e tecnológica, sobre a qual se eleva a superestrutura, isto é, toda a organização social, é que pretendeu encontrar a chave da explicação das diversas formações sociais.

Fernando de Azevedo procura extrair do pensamento de Marx a idéia de uma ciência – a Sociologia - capaz de uma interpretação mais concisa da realidade geral e das particularidades da vida social. Esta relação é de fundamental importância para a constituição da sociologia da educação – o ramo que estuda os fatos educacionais ficou para o estudo dos outros fenômenos sociais, como a mecânica para os outros fenômenos físicos.

Outro fator importante da interpretação azevediana de Marx é a analogia proposta, a idéia de uma ciência tendo como parâmetro os métodos das ciências exatas e biológicas revela o caráter positivista da obra do redator do *Manifesto dos Pioneiros*,

⁸ Fernando de Azevedo também avaliava esse texto como uma das bases do materialismo histórico: “expõem K. Marx, no prefácio à *Crítica da Economia Política* – os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que são correlativas a um estágio determinado do desenvolvimento de sua forças produtivas. O modo de produção da vida material determina em geral o processo social, político e intelectual da vida. Não é a consciência do homem que determina a sua maneira de ser, mas sua maneira de social que determina a sua consciência”. (AZEVEDO, 1973a, p. 259).

essa interpretação tem como finalidade à criação de uma ciência educacional capaz de organizar seletivamente a sociedade integrando o indivíduo ao grupo social ao qual pertence.

A recontextualização da proposta metodológica de Marx pode ser observada a partir do texto do prefácio⁸ da *Crítica da Economia Política*, logo no início deste texto, Marx aponta como fará a análise do sistema da economia capitalista, começando pelo capital, passando pela propriedade privada e chegando ao mercado mundial, que são as relações econômicas no interior das três grandes classes estabelecendo a ligação entre as classes e a sociedade burguesa, em seguida Marx (2005, p. 50) faz uma advertência: “o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular ao geral”.

A proposta metodológica empreendida por Marx estabelece uma relação entre o todo e as partes, entre o abstrato e o concreto, entre o lógico e o histórico. Marx propõe a busca da totalidade na economia política através de categorias analíticas intrínsecas ao modo de produção capitalista como: trabalho assalariado, o Estado, a mercadoria, mantendo uma relação entre o abstrato (que seria a representação do todo) e o concreto (que seria representação das partes).

Fernando de Azevedo admitia a importância dos estudos fragmentários, pela sua capacidade de aprofundamento que representa em diversos ramos do conhecimento; com as especialidades seria possível dominar o processo do conhecimento amplamente. Todavia, uma especialização⁹ prematura e uma análise demasiadamente fragmentada resultariam em estudos: “excessivamente ‘limitado’ nas suas concepções sintéticas” (AZEVEDO, 1951, p. 19).

Para resolver essa questão e não recair em uma visão parcial da ciência, Azevedo (1951, p.19) propunha uma “preparação filosófica e uma sólida cultura geral permitiriam aos especialistas coordenar as suas idéias e os seus conhecimentos fragmentários, numa síntese que se está sempre reconstituindo, e enquadrá-los numa concepção compreensiva do mundo”

Esse processo de decomposição, que vai das partes, dos conceitos localizados em busca de uma realidade mais abrangente, podemos observar em Marx *no O Capital*, quando o autor inicia sua análise pela mercadoria explicando o restante do sistema capitalista. Fernando de Azevedo não age diferente, em *Sociologia Educacional*, Azevedo começa por explicar a educação como fenômeno social ao falar das origens do sistema escolar, chegando aos problemas sociais pedagógicos que fazem parte dos problemas da sociedade, estabelecendo uma íntima conexão entre educação e sociedade.

A partir dessa proposição metodológica, Fernando de Azevedo salienta que os sistemas escolares modernos se apresentam como instituições “constituídas por uma infra-estrutura de educação comum (ensino elementar e médio, este ao menos até certo nível) sobre o qual se edifica uma superestrutura de educações múltiplas (escolas superiores e Universidades)” configurando-se em um sistema dual que “refletem os interesses das classes dominantes” (AZEVEDO, 1951, p. 182).

Esse tipo de análise, de um sistema de ensino dual, pode ser retomado na perspectiva que Luiz Antonio Cunha classificou no *Manifesto* como uma inclinação socialista vinda da tradição marxista:

⁹ Fernando de Azevedo critica o marxismo em função de determinar: “que a economia é função da técnica ou toda a cultura seja função da economia, - o que seria incidir no erro do materialismo histórico” (1951, p. 164).

Retomando a inspiração socialista, defendia que a escola secundária deveria ser unificada para se evitar o divórcio entre trabalhadores manuais e intelectuais, o que seria conseguido mediante mudanças curriculares: ela teria os primeiros três anos voltados para fornecer uma sólida base comum de cultura geral, para posterior bifurcação. Um ramo teria preponderância na formação intelectual e outro, na preparação (CUNHA, 1994, p. 144)

Na realidade, o *Manifesto* não estabelece que até o ensino secundário deva funcionar a escola única, segundo o *Manifesto*:

[...] a 'escola única' se estenderá, entre nós, não como 'uma conscrição precoce', arrolando da escola infantil à universidade, todos os brasileiros, e submetendo-os durante o maior tempo possível uma formação idêntica, para ramificações posteriores em vista de destinos, mas antes como a escola oficial, única, em que todas as crianças, de 7 a 15. (AZEVEDO, 1951, p. 47).

É de suma importância retomar esta posição no *Manifesto* de que a escola única deve funcionar para todas as crianças de 7 a 15 anos, para precisarmos melhor como Fernando de Azevedo trabalhou esta questão em *Sociologia Educacional*. Como afirmou Cunha, a influência socialista no *Manifesto* reside na idéia da escola unificada que mostraria certa "incongruência com os textos publicados por Fernando de Azevedo com o seu nome, mesmo se levamos em conta suas oscilações político-ideológicas" (CUNHA, 1994, p. 145).

Se a questão da escola única foi uma influência socialista, ela também estava presente mais tarde em *Sociologia Educacional*, inclusive definindo os objetivos, formação e critérios de seleção:

É esse um dos objetivos da 'escola única', que quer dizer simplesmente 'identidade de formação intelectual para todos no princípio da carreira escolar, para diversificações ulteriores. Hoje, [...] 'essa igualdade não existe: meninos igualmente dotados pela natureza são diversamente o mais das vezes, segundo a desigualdade de sua condição social de origem'. Mas, como organizar cientificamente essa seleção e orientação? No ponto de partida, uma formação comum durante certo número de anos (e é nisto que consiste a escola única), procedendo-se, em seguida, a orientação para os estudos secundários e superiores, dos mais capazes, independente de suas condições sociais e econômicas, e reservando-se aos outros a instrução e educação técnica que eles são suscetíveis de adquirir; [...]. (AZEVEDO, 1951, p. 197-8).

Azevedo basicamente retoma os mesmos pressupostos do *Manifesto*, evidentemente não expõe como no *Manifesto* o tempo em que o aluno deve permanecer sob o regime da escola única, mas enfatiza pontos importantes, como igualdade de oportunidades para todos, retomando um discurso crítico e apontando que a falta de igualdade de condições é acarretada devido às desigualdades sociais.

Sobre a questão da desigualdade social a idéia defendida por Azevedo reside em um fator inquestionável: as crianças nascem iguais e as condições sociais a que são determinadas as tornam diferentes. Uma análise apressada pode levar-nos a entender que Azevedo adota uma visão socialista da questão, o que o autor prega é igualdade de início na formação escolar, mais adiante, porém, ele retoma o discurso da formação e circulação das elites, não se despreocupando com a questão social. A educação é redentora da equidade social, através da educação, as classes inferiores conseguiriam almejar postos superiores na escala social.

Este seria um ponto de discordância mais forte de Azevedo com a teoria de Marx. Pois para Marx: "as idéias da classe dominante, são em cada época, as idéias

dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 1999, p. 72). Na ótica de Azevedo, a burguesia era uma classe francamente aberta às classes inferiores, havendo possibilidade de indivíduos das classes subalternas ascenderem na escalada social e também colocarem as idéias das classes menos favorecidas como dominantes.

Em sua concepção, as elites devem ser pensadas do ponto de vista intelectual, recrutada nas diversas camadas sociais através de uma educação gratuita, com iguais oportunidades para todos. A educação seria um instrumento de mobilidade social, para possibilitar que pessoas nos mais variados níveis sociais consigam ascender na hierarquia social através de sua capacidade individual.

Recontextualização e retórica no discurso azevediano

A recontextualização é um recurso metodológico muito utilizado no campo educacional, devido ao fato de ser marcado por questões eminentemente práticas e que deve ser destacado o contexto social e político em que se insere: “constituindo uma arena de conflito e controle” (BERNSTEIN, 2003, p. 80). O campo pedagógico deve ser analisado na visão de Bernstein em três níveis distintos: autor, ator e identidade, “o autor refere-se ao discurso autorizado, os atores referem-se aos patrocinadores e as identidades são resultantes de especializações pedagógicas” (BERNSTEIN, 2003, p. 80).

Dessa forma, consideramos o discurso pedagógico como um processo, tendo uma matriz e a forma como essa matriz é veiculada e constitui-se como identidade, ao fim desse processo é que se constata a recontextualização de um discurso¹⁰. Assim, avaliamos que recontextualizar vai além de uma simples apropriação de uma idéia, pois a idéia não é empregada em seu sentido estrito, mas adaptada por seu veiculador, sofrendo um deslocamento de conteúdo quando da sua forma original.

Fernando de Azevedo recontextualiza o pensamento de Marx em busca das idéias que fundamentam a sua teoria científica. Vale ressaltar, que Azevedo entendia que a ciência no Brasil ainda não havia se desenvolvido suficiente e diante da precariedade científica era necessário estudos teóricos capazes de formar um quadro científico da realidade brasileira. Sendo assim, nada mais fortuito que recontextualizar os conceitos que deram as condições necessárias para o filósofo alemão dissecar o modo de produção capitalista, Azevedo recontextualiza e adapta Marx a sua maneira, a maneira brasileira.

Essa recontextualização é restrita ao referencial metodológico de Marx, não há na obra dos Pioneiros referências às categorias mais radicais de análise da sociedade capitalista como: luta de classes, revolução, alienação, o que denota que o processo recontextualização pode ser específico de um determinado conceito ou idéia, o que seria insuficiente para classicá-lo em determinada corrente do pensamento filosófico¹¹.

Porém, Cunha (2004) em uma avaliação do conceito de recontextualização afirma que este é um recurso muito proveitoso no campo da transposição didática, mas salienta que é necessário ir além da recontextualização, pois todo o autor quando torna público seu texto tem a intenção de ganhar a batalha das idéias, convencer um determinado

¹⁰ Bernstein (2003) faz essa análise com o conceito de competência oriundo de diversas áreas do conhecimento e quando recontextualizado para o campo pedagógico adquire autonomia.

¹¹ Esse aspecto é importante, pois segundo Santos (2003, p. 38) Bernstein afirmava a influência de Durkheim e quanto as críticas ao seu viés conservador, justificava que “o trabalho de Durkheim foi considerado conservador, funcionalista ou positivista, pela forma como recontextualizado”:

auditório pelos seus conteúdos expostos. Para isso, o autor utiliza-se de ferramentas para persuadir o auditório através dos argumentos. Com base na retórica é que pretendemos analisar o discurso azevediano ao se declarar socialista e a utilização dessa frase pela literatura especializada ao enquadrá-lo no campo do marxismo.

A retórica (*rhetoriké*) nasce na “Sicília grega por volta de 465, após a expulsão dos tiranos” (REBOUL, 2000, p. 2). Neste período, os cidadãos foram despojados de seus bens pessoais em meio a uma guerra civil, esses cidadãos lesados buscaram retomar suas propriedades através de conflitos judiciais, como não havia advogados, Córax¹² elaborou um manual prático chamado “arte oratória”, que consistia em exemplos para que os cidadãos buscassem a justiça. Dessa origem judiciária, Corax criou o argumento que leva seu nome, que consistia em dizer que uma coisa é inverossímil por ser verossímil demais, a partir deste contexto que se dá o nascimento da retórica.

A retórica chega ao seu apogeu com os sofistas, mestres na arte da argumentação e da sagacidade mental, ensinavam aos cidadãos atenienses a retórica para participação nas decisões dos rumos da democracia grega. Depois de um nascimento judiciário, o ambiente democrático produzido pelas assembléias públicas realizadas na agora¹³ em Atenas propiciou “uma demanda pelos serviços dos sofistas” (KERFERD, 2003, p. 34), que consistia em ensinamentos mediante pagamentos com a finalidade de “preparar homens para uma carreira na política” (KERFERD, 2003, p. 35).

Para os sofistas a retórica é a arte de persuadir e convencer, estabelecendo procedimentos que fortaleçam o argumento: “os sofistas se interessavam pelos aspectos gramaticais e lógicos da linguagem e pela correção no uso das palavras para que a denominação das coisas fosse sempre a correta e a melhor” (CHAUI, 2002, p. 168). Um desses procedimentos técnicos sedimentado pelos sofistas é o *dissóí logói*, que são os argumentos opostos colocados acerca de um debate.

A característica dessa técnica é opor um *lógos*¹⁴ a outro, com o intuito de levar o oponente a abandonar sua posição inicial, explica Kerferd: “constitui uma técnica específica e bem definida, a saber, a de partir de um dado *logos*, digamos, a posição adotada pelo oponente, e passar a estabelecer *logos* contrário, ou contraditório, de tal maneira que o oponente terá de aceitar ambos os *logo*” (KERFERD, 2003, P. 110).

O sentido dado à retórica pelos sofistas é de a utilidade, de forma que a retórica adquire o sentido de intencionalidade tendo como finalidade o convencimento, ou seja, o argumento forte é aquele que consegue convencer um maior número de adeptos. O discurso passa a ser um elemento central na retórica sofisticada o estilo, o ritmo, a linguagem, a gesticulação, o orador deve saber utilizar cada um desses recursos nas ocasiões exatas, o orador jamais deve se enganar, como utilizar um discurso festivo em uma ocasião fúnebre.

Outro fator importante é a concepção de verdade adotada pelos sofistas, a verdade passa a ser relativa dependendo dos sentidos e sentimentos de cada indivíduo, conjuntura e momento histórico de cada época, concepção que ficou eternizada nas palavras de um importante sofista Protágoras de Abdera “o homem é a medida de todas as coisas, das que são pelo que são e das que não são pelo que não são” (apud CHAUI,

¹²Córax fora discípulo do filósofo Empédocles de Agrigento cerca de 490-435 a.C. e está enquadrado entre os filósofos pré-socráticos.

¹³O termo em grego significa lugar de reunião, praça pública.

¹⁴Essa palavra resume várias expressões em português, unidas no grego, mas para fins de entendimento no texto significa: linguagem, razão, pensar e capacidade de raciocinar.

2002, p. 170). O homem na visão de Protágoras passa a ser a medida da realidade, das coisas que existem e das que não existem, definindo o que é verdadeiro, o homem é a medida da realidade.

Aristóteles vai reformular o conceito de retórica, apesar de concordar com os sofistas de que a retórica é a “faculdade de observar os meios de persuasão disponíveis em qualquer dado” (ARISTÓTELES, 2007, p. 23). O filósofo grego introduz a essa noção de retórica, a necessidade de que todo o argumento deve ter por finalidade provar uma tese: “uma afirmação é persuasiva pelo fato de ser ou diretamente auto-evidente ou porque ela parece ser provada por outras afirmações que assim o sejam” (ARISTÓTELES, 2007, p. 25).

Ao traçar esse conceito de retórica, Aristóteles busca uma definição baseada nas estruturas do pensamento, na lógica, onde a retórica está diretamente ligada aos entimemas e ao silogismo, retórica e prova andam na mesma direção, ela é capacidade que um orador tem de provar a verdade.

Porém, a retórica perdeu prestígio durante a idade média, período que foi dominado pela concepção racional cartesiana, levando o pensamento ocidental ao afastamento da tradição retórica grega, sendo retomada no século XX com Chaim Perelman¹⁵. A nova retórica de Perelman busca fugir do dogmatismo e das verdades absolutas, mas também não adota um relativismo moderno, retoma Aristóteles ao relacionar a retórica, a prova e a lógica, porém o autor vai além:

Perelman não se limita a resgatar a retórica grega. Esta se prestava a buscar a adesão por meio do discurso verbal, na presença das pessoas. A nova retórica amplia o conceito de auditório, isto é, a quem a argumentação se dirige, estudando, sobretudo os casos de argumentação através da palavra escrita, principal meio de persuasão no mundo contemporâneo. (LEMBGRUBER, 1999, p. 5).

O conceito de audiência é fundamental na estrutura da nova retórica, o orador deve distinguir esse auditório e estar ciente que ele muda o tempo todo, além do próprio auditório em mudança, a verdade concebida pelo auditório sempre está em constante processo de mutação, conforme define Maneli: “A argumentação retórica nunca dá conclusões; é como o rio de Heráclito: você não pode entrar no mesmo rio duas vezes” (2004, p. 36).

A definição de auditório é o “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA 2000, p. 22), em função do auditório que toda argumentação se desenvolve e por definição esse auditório é particular, quando se fala em ciência o orador parte do conhecimento de seu auditório, procurando estabelecer vínculos e ser ouvido pelos seus pares, “toda argumentação visa a adesão dos espíritos e, por isso mesmo pressupõe a existência de um contato intelectual” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2000, p. 16).

Ao comentar sobre a importância do auditório no processo argumentativo, Perelman é taxativo: “O que conservamos da retórica tradicional é a idéia mesma de auditório, que é imediatamente evocada assim que se pensa num discurso. Todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito freqüente esquecer que se dá o mesmo com todo escrito” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA 2000, p. 7)

Tendo como parâmetro esses pressupostos, Ginzburg faz uma crítica a historiografia moderna, pouca atenta a questões metodológica e demasiadamente

¹⁵ Plebe e Emanuele (1992) fazem duras ao que denomina de neo-aristotelismo de Perelman, na ótica dos autores italianos isso seria uma cientifização, que culminaria numa formalização da retórica.

preocupada com uma cruzada anti-positivista, acabou esquecendo-se de seu auditório, reduzindo a historiografia à retórica, mas uma retórica pouco preocupada com a prova:

Formulados de maneira mais ou menos explícita: a historiografia, assim como a retórica, se propõe unicamente a convencer, o seu fim é a eficácia, não a verdade, de forma não diversa de um romance, uma obra historiográfica constrói um mundo textual autônomo que não tem nenhuma relação demonstrável com a realidade extratextual à qual o texto historiográfico e texto de ficção são auto-referenciais tendo em vista que estão unidos por uma dimensão retórica. (GINZBURG, 2002, p. 48).

A questão assinalada por Ginzburg diz respeito ao tipo de retórica utilizada, certamente não se refere a retórica de Aristóteles, o que leva a historiografia moderna a uma postura efêmera e sem densidade científica, pois há uma fuga de seu lócus argumentativo quando ela renúncia a busca da prova. Neste aspecto o orador deve ter um conhecimento do seu auditório:

É verdade que esses autores, na medida em que tomam a palavra numa sociedade científica ou publicam um artigo numa revista especializada, podem descuidar dos meios de entrar em contato com seu público, porque uma instituição científica, sociedade ou revista, fornece o vínculo indispensável entre o orador e seu auditório. O papel do autor é apenas manter, entre ele e o público, o contato com a instituição científica possibilitou estabelecer. (PERELMAN, 1996, p. 20).

Neste caso, quando determinado orador concede uma entrevista a determinado jornalista, considera que o seu auditório é constituído pelos leitores do veículo de imprensa ao qual o jornalista está vinculado, possibilitando ao orador transformar o seu discurso para ganhar maior número de adesão as suas teses.

Partindo dessas premissas, quando observamos a argumentação de Saviani (2004) fundamenta na declaração que Fernando de Azevedo é socialista, o orador baseia-se em um texto autobiográfico, que tem a eficácia como finalidade e está vinculado estritamente ao convencimento. O texto autobiográfico, como o romance, não tem o compromisso com a prova, sua característica é distinta do texto científico que tem como premissa o ônus da prova. Fernando de Azevedo em sua autobiografia, procura enaltecer sua figura de modernizador e reformador da educação, salientando suas virtudes acadêmicas e intelectuais ressaltando a importância e o legado de sua obra.

Ao publicar *Princípios de Sociologia e Sociologia Educacional*, respectivamente em 1935 e 1940, Azevedo procurava dar uma contribuição significativa no campo dessas ciências, pois faltavam instrumentos necessários de análise da realidade brasileira e essas duas disciplinas não haviam sido suficientemente desenvolvidas. Cabe, então, ao precursor da sociologia científica no Brasil desenvolver os conceitos e as teorias que darão segurança a uma análise confiável da realidade brasileira.

Saviani e a literatura especializada, neste caso, utilizam o mesmo procedimento da historiografia moderna descrito por Ginzburg, modificam o lócus argumentativo do discurso e rompem determinados acordos que “constituem o corpus de uma ciência ou de uma técnica, podem resultar de certas convenções ou da adesão a certos textos, e caracterizam certos auditórios” (PERELMAN, 1996, p. 112). Ao realizar tal afirmação e imprimir uma definição de cunho científico tendo como base um texto não científico, Saviani e a literatura especializada não se atentam ao fato que toda argumentação “deve desenvolver-se no interior de um sistema definido, o que colocará no primeiro plano certos problemas, notadamente os relativos à interpretação dos textos” (PERELMAN, 1996, p. 114).

Existem âmbitos da argumentação, o discurso para um auditório especializado não é o mesmo para um auditório não especializado, cada auditório tem suas especificidades e o orador deve observar seu auditório na construção do seu discurso. O texto autobiográfico publicado por Fernando de Azevedo no início da década de 1970, não tem a mesma preocupação de um texto científico e tem características peculiares, além de atender a outro auditório que é universal, o que faz o orador, “na medida em que se adapta ao modo de ver se seus ouvintes, arrisca-se a apoiar-se em teses estranhas, ou mesmo francamente oposta” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2000, p.34).

A adaptação ao auditório em mudança é fundamental para termos uma dimensão mais ampla das junções de um discurso, o contexto político econômico e social passava por mudança, com a decretação do Estado de exceção pelos militares e a aposentadoria compulsória de vários professores da Universidade de São Paulo. Essa conjuntura levou Fernando de Azevedo a redigir o Manifesto dos Intelectuais, pela liberdade de opinião e contra a prisão preventiva de vários de seus assistentes, entre eles Florestan Fernandes.

Florestan Fernandes, assistente de Azevedo na cadeira de Sociologia, havia abandonado “tanto o estruturalismo francês, e quanto o estrutural-funcionalismo, por congelarem a vida social” (LAHUERTA, 1999, p. 61). Existia a necessidade de captar a contradição da vida social, Florestan funda em conjunto com seus alunos o grupo do Capital, formado por jovens professores assistentes e recém formados com o objetivo de estudar a obra de Karl Marx.

O abandono de seus assistentes dos referenciais teóricos utilizados pelo pioneiro, a conjuntura política que coloca os intelectuais próximos do marxismo como principais opositores do regime de exceção e a adaptação ao auditório em mudança, levam Azevedo a adaptar seu discurso a esse novo auditório. Isso não equivale a dizer que Azevedo tornou-se um marxista do dia para noite, mas denota um discurso em que procura se colocar como agente da mudança e demonstrar sua importância no contexto social e intelectual, demonstrando sua pluralidade ideológica, buscando um campo mais amplo de leitores e adeptos.

Considerações Finais

O estudo dos intelectuais precede, de antemão, o conhecimento daquilo que irá estudar e pesquisar desses autores, que são as teorias e definições utilizadas por esses pensadores. As definições teóricas formulam uma característica adequada ao objeto, isso “equivale a propor a aceitação de uma teoria e como o nome sugere, as teorias são notoriamente discutíveis” (COPI, 1968, p. 117).

Como já havíamos falado anteriormente, o campo educacional é repleto de disputas e a maioria dessas disputas ocorre em consequência das definições teóricas. A literatura ao propor que Fernando de Azevedo é próximo do marxismo está lhe inculcando uma definição, estas definições só podem ser substituída por outra à medida que “nosso conhecimento e compreensão teóricos aumentam” (COPI, 1968, p. 117), quando equivocadas levaria a um conhecimento distorcido das idéias do autor, até que outro autor modifique aquela visão distorcida com outra definição teórica mais apropriada.

O cenário educacional como palco de inúmeras disputas teóricas, muitos autores na tentativa de afirmar determinada corrente, acabaram por produzir várias interpretações e definições teóricas não condizentes as reais características das teorias sedimentadas na história da educação brasileira, uma delas foi do líder do movimento renovador no Brasil.

Em um movimento em busca de retomar a contribuição do pioneiro, a literatura especializada faz o caminho inverso, sem se ater a procedimentos metodológicos de análise, perde-se a referência dos âmbitos da argumentação aos quais o autor define seu discurso. No caso de Fernando de Azevedo, foi utilizada uma fala em um texto autobiográfico, muito pouco para imprimir uma definição e talvez não seja o texto ideal para estudo da definição teórica do autor.

Por sua vez, cremos que Fernando de Azevedo em *Princípios de Sociologia e Sociologia Educacional*, recontextualiza o referencial metodológico de Marx, mas não absorve os conceitos clássicos do filósofo alemão, como luta de classe, alienação e adapta-se a um novo auditório e uma nova conjuntura política quando se declara socialista em *História de Minha Vida*. Dessa forma, pretendemos contribuir para o debate educacional sugerindo a utilização de recursos metodológicos, como a retórica e a recontextualização, que nos auxiliem a ler e analisar textos acadêmicos e chegar a conclusões que elucidem, às vezes, o tão obscuro caminho da história da educação brasileira.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007.

AZEVEDO, Fernando de. **Sociologia Educacional**: Introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com os outros fenômenos sociais. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1951.

AZEVEDO, Fernando de. **Na batalha do humanismo**. 2. ed. São Paulo: Melhoramento, 1967.

AZEVEDO, Fernando de. **Historia de minha vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de Sociologia**: pequena introdução ao estudo de sociologia geral. 11. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1973a.

AZEVEDO, Fernando de. **Figuras de meu convívio**. Retratos de família e de mestres e educadores. 2. Ed.. São Paulo: Duas Cidades. 1973b.

BERNSTEIN, Basil. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. **Cadernos de Pesquisa**, n.120, p.75-110, novembro/2003.

CANDIDO, Antônio. Depoimento. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.173-183, 1994.

CHAUI, Marilena. Introdução a história da filosofia. In: _____. **Dos Pré-socráticos a Aristóteles**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COPI, Irving. **Introdução à lógica**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

CUNHA, Luiz Antônio. Educação de classes sociais no Manifesto de 32: Perguntas sem repostas. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.20, n.1 e 2, jan/dez. 1994.

CUNHA, Marcus Vinicius. Recontextualização e retórica na análise de discursos pedagógicos. In: SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.

DIAS, Fernando Correia. Durkheim e a sociologia da educação no Brasil. **Em Aberto**, Brasília, v.9, n.46, p.33-48, abr/jun, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KERFERD, G. B. **O movimento sofista**. São Paulo: Loyola, 2003.

LAHUERTA, Milton. **Intelectuais e transição**: entre a política e a profissão. 1999. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Razão, pluralismo e argumentação: a contribuição de Chaim Perelman. **História Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 1999. Disponível em :<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de julho de 2008.

LEMME, Paschoal. **Memória 4**. Brasília: Inep, 1993.

MANELI, Mieczyslaw. **A nova retórica de Perelman**. Filosofia e metodologia para o século XXI. Barueri: Manole, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999. Livro 1, v. 1.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 2005.

MARX; Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 11. ed., São Paulo: Hucitec, 1999.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933 – 1974)**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1980.

PENNA, Maria Luiza. **Fernando de Azevedo**: educação e transformação. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PERELMAN, Chaim. **Retóricas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PLEBE, Armando; EMANUELE, Pietro. **Manual de retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Lucíola L. de C. P. Bernstein e o campo educacional: Relevância, influências e incompreensões. **Cadernos de Pesquisa**, n. 120, p.15-49, novembro/2003.

SAVIANI, Dermeval. Setenta anos do Manifesto e 20 anos de Escola e democracia: balanço de uma polêmica. In: Xavier, Maria do Carmo (Org.). **Manifesto dos pioneiros da educação**: Um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

TOTTI, Marcelo Augusto. **Raízes do pensamento educacional de Fernando de Azevedo**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

TOTTI, Marcelo Augusto. Dewey e Durkheim como suportes do pensamento de Fernando de Azevedo: um esboço. **Revista do Mestrado em Educação**, UFS, v.8, p.45-54, jan/jun. 2004.